

OLY CESAR WOLF



A MINHA ALDEIA

Biblioteca
Parana



Carlos Massa Ratinho Junior

Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Luciana Casagrande Pereira

Superintendente-geral da Cultura

Luiz Felipe Leprevost

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital

Omar Godoy

Equipe do Selo Biblioteca Paraná

Hiago Rizzi, Isabella Serena e Luiz Felipe Cunha

Jurados

Cristiano de Sales e Luísa Cristina dos Santos Fontes

Revisão e preparação editorial **João Lucas Dusi**

Projeto gráfico e diagramação **Thapcom.com**

Ilustrações e capas **Ctrl S Comunicação**

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi - CRB/9 - 1617

Wolf, Oly Cesar

A minha aldeia [livro eletrônico]/ Oly Cesar Wolf. - Curitiba,
PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2021.

53 p. - (Biblioteca Paraná)

"Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital - Categoria poesia"

ISBN 978-65-89223-21-4 (e-book)

PDF

1. Poesia brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.1

A MINHA ALDEIA

OLY CESAR WOLF

SUMÁRIO

5 NOSSOS CHEIROS

7 NOSSAS FORMAS

10 GEOGRAFIA

11 TRANSUBSTANCIAÇÃO

13 A CARTILHA

15 A MORTE

17 NOSSOS FILHOTES

19 NOSSAS MANHÃS

21 DUREZAS

22 IDEÁRIO

24 ESTAÇÕES

25 NOSSA CALAMIDADE

27 PÓ

28 SINAS

29 IMPRESSÕES

30 ANIMALIDADES

31 O BOI

32 O PRÉDIO MAIS
ALTO DA ALEIA

33 A PRAÇA

35 O FERREIRO

36 A LAVADEIRA

37 A BENZEDEIRA

38 A VIRGEM

39 OS LOUCOS

41 POLÍTICOS

43 O CIRCO

45 VIOLA

46 LUZ

47 TUDO QUE É SÓLIDO
SE DESMANCHA

49 NO SEM RUMO

51 IDAS E VINDAS

nossos cheiros

a minha aldeia era mato, quando mato era mato e só.
nela havia bando de aves, quando ave era praga
de comer dos quintais, frutas e sementes.

não era bucólica a minha aldeia, nem bela
nem nada que se assemelhasse a coisas de parnasiano.
era bicho-de-pé, cisticercose e atraso.

até lepra havia, nos lugares ermos onde não chegavam
messias curandeiros, nem antibióticos.

prendadas moças faceiras cheiravam a fumo de
[lamparina
e tempero de feijão, como cebola e tocinho.
o mundo rescendia a fumo-de-corda e bosta de vaca,
mas nossos narizes nada sentiam,
porque tudo isso, de tanto que havia, saturava
de costume o olfato.

os dias tinham cheiro de chuva e sol e terra
enquanto os corpos cheiravam a suor, se na lida,
ou desodorante barato, se domingos e dias santos.

era defumada a minha aldeia, pela paciência dos
[fogões a lenha
que requentavam dos nossos dias o mais do mesmo
[de sempre.

fogões pesados cheirando à fumaça e conversa
e cheirando à comida sólida e pesada como ferro,
feita de modo a sustentar e dar lastro
aos nossos corpos de uso e de sonhos.

havia, na minha aldeia, todos os cheiros de aldeias,
de todas as aldeias sem tintura e verniz.
havia os odores das vidas de entalhe grosseiro
que trançavam seus dias naquele mundo sem polimento.

hoje os cheiros são outros, como outros são os narizes.

nossas formas

a minha aldeia era do tamanho de mim,
da minha pequenez e grandeza,
de tudo que sou feito,
da exata largura desse meu tanto
que se espalha pelo chão que me alimenta
e que um dia alimentarei.

minha aldeia tinha constelação de ruas miúdas, toscas
[palhoças,
campos despenteados, paióis e carreiros abertos
[como veias
sulcando o marrom da carne terrosa que nos sustenta
[os pés e
secos mourões de cerca, fincados tortos na terra,
[como pernas de velha.

a minha aldeia me deu memórias
que hoje são como larvas agarradas na carne
da lembrança que trago e cultivo.

a minha aldeia me dizia,
melhor que eu, dos meus limites.
ela nasceu e morreu em mim
como se coisa sazonal
que se alterna nas estações bem medidas
por essa régua do mundo que trago por dentro.

minhas fronteiras são as linhas das coisas
que lembro e esqueço e crio.
Minha aldeia me deu geografia e relevo.

minha aldeia era mãe, porque fêmea,
feminina coisa entranhada sob a pele
e escondida nas minhas entranhas e estranhezas.

minha aldeia era meu umbigo sem fundo,
minha identidade e minha face.
minha aldeia era minha forma
e o meu cheiro e o meu gosto.

daquela terra, que trago sob as unhas,
se fez em mim sal e pimenta,
cheiro verde e outros temperos
de onde herdei meu sabor.

de cada coisa da aldeia eu me coisifiquei,
como eu fosse esponja, cesta de vime,
saco de estopa ou paiol onde meu corpo guardou tudo o
que fiz e me fez.

das plantas plantadas, ou apenas nascidas,
moídas no moinho dos meus passos,
se fez esse perfume de terra, oloroso húmus
que aos da minha aldeia perfumava e identificava,
para narizes urbanos desacostumados dos cheiros do
[mundo.

geografia

na geografia dos relevos: montes, depressões,
ladeiras e planos, como se desenhados por mão
[cuidadosa.

a terra nos escrevia e condicionava nossos
[comportamentos.
mundo pavloviano, soprando apitos com a brisa das
[estações.

sazonais, éramos, como aves migratórias,
caranguejos em andada,
animais cientes de sermos cio e tempo e
pulsão de morna vida e modorrenta morte.

a vida era linha reta, sem grandes curvas e sustos,
ao gosto do deus-dará, na fé do se deus quiser.

transubstanciação

na aldeia havia algo de divino,
ou de santo, algo de haver alguma fé
em tudo que se fazia,
algo de haver espírito no invisível das coisas.

às vezes nossas falas soavam como hinos
ou nossos passos retiniam na rua
como o sino da torre da igreja.

velhas senhoras amassavam o pão
como se depois bastasse soprar as suas narinas
para que se fizessem vivos.

do pão, de fato, corpo se fazia.
comido, o alimento edificava nossos músculos
e fazia em nós o corpo que éramos,
dando-nos força, forma e feição daquilo que
[reconhecíamos
no espelho como sendo
identidade.

no trabalho de nossos corpos se cumpria nosso rito,
que era cruz, missão e adocicado fardo.
éramos santos de inocentes,
como bichos que vivem
porque estão vivos
e é isso que se deve fazer.

depois de cumpridos nosso trabalhos e dias,
morriamos, não tão jovens
para que fosse pena
e nem tão velhos para que fosse benção.
partíamos na hora exata, naquela que todos têm
registrada em algum lugar do eterno.
e a partida era bonita, dava até gosto de morrer.

sabia-se do morto, a certeza de tornar-se estrela
em algum céu maior do que o céu que nos encimava.
sabia-se do morto haver-se em descanso,
como fosse a outra vida um dia santo sem fim.

“e como é o céu”, perguntei uma vez,
ao que me respondeu uma das nossas velhas:
“o céu é bonito, tem bando de anjo,
que é criança obediente que quando morre ganha asa”

depois disso, por muitas noites, eu rezei pedindo asa,
mas que fosse de passarinho, porque de galinha eu
[nem queria.

a cartilha

meninos e meninas arrastavam dedos duros,
calosos e grossos dedos de anões,
sobre as linhas retas do Caminho Suave.

o livro não era a vida.
dura via fora da página.

tinha pedra, tinha, tinha pó, tinha,
tinha aspereza e rudeza.
tanta coisa tinha, no caminho que não tem mais nada.

suavidade havia, do vento nas horas quentes do dia,
como beijo de namorada e afago de mãe.
um mesmo vento que, se irritado, punha tudo a perder,
enquanto carregava embora os dias de força perdida.

dura era a batalha de juntar letras nos olhos.
“vovó viu a uva”
claro que viu, tinha parreiral no quintal
e vovó, cega é que não era.
via uva e via vovô roubando vinho, em dia de não
[tomar vinho.

“ah velho imprestável!”
gritava a velha, entre pragas.

vovó via uva e milho e pão quente pela manhã
e café quente de pelar a boca apressada.
e tantas coisas via e viu, que é pra isso que se fica velho,
para poder ver de tudo um pouco, antes de partir.

a morte

na minha aldeia se morria em casa, diante dos olhos
[de todos.

era preciso ver, não só como é a vida,
mas também seu contraponto.

traziam rosário teimoso em escorregar da mão do
[moribundo.

vinha velha rezadeira, com tudo bem decorado.
padre tinha, na hora última, para endereçar a alma e
[colocá-la
no correio dos anjos, aos cuidados do bom Deus, amém.

o velho estertorava na cama, entre gemidos e peidos.
era coisa de intestino, câncer oculto do diagnóstico
[que não havia.

“vai viver, homem, amanhã você já tá bom”
tava nada, morria naquela noite mesmo.

por respeito, todos de chapéu na mão, fingiam não ouvir
os peidos do velho, que parecia moto velha.
depois fizeram piada, mas não naquela hora, que hora
[de morrer
é hora séria.

a vida era isso, viver e morrer, tinha 54 anos, já era tempo.
é preciso trocar as peças gastas
para o bom andamento da máquina do mundo.

onde era a sua casa, hoje é consultório de dentista,
justo na casa dele, que ainda jovem já perdera os dentes.
Mas disso ninguém se lembra.

nossos filhotes

havia ovos de sapo nos restos de chuva,
nas poças barrentas onde hoje é calçada.
fitas longas, recheadas de pontinhos pretos,
negros ovos que eclodiam em vida gerando girinos,
que para nós não eram mais que sapinhos.

nomes científicos e assépticos,
adaptados de línguas mumificadas
só se prestam a nomear as coisas de fora.

sapos, pedras, paus e barro, disso eram feitos
aqueles meninos encardidos que éramos.
filhotes de gente saltando sobre poças,
como girinos de gente.

meninos como cães, como cínicos Diógenes, sem
[sabê-lo,
pujantes meninos pulguentos correndo ruas com
[roupas puídas.
almas nuas de anjos voando com asas de pipas,
desbravando céu azul de nuvens adocicadas,
algodões-doces comendo o duro dos dentes,
dura vida ainda suave, por não saber do amanhã
nada além daquele agora.

havia verdade naqueles risos banguelas,
janelas dentárias abertas que deixavam entrar o sol
pelas frestas do riso fresco.

peitos jovens arfavam na corrida sem destino
da carne fresca daquelas infantes ventanias.
gente em estado de filhote, em estado de graça,
em estado de ser e estar, na alegria da vida sem contas
nem peso, nem medo do bicho-futuro
escondido debaixo da cama, do bicho-amanhã
oculto na sombra do armário,
dos bichos tantos, ocultos nas dobras da vida.

nossas manhãs

lenta manhã desapressada, prensada entre dias iguais.
horas tombadas nos relógios de corda,
nos carrilhões, nos sinos da igreja
e nos olhos experientes mirando o caminho do sol.

no toco de pau, o velho galo cantava seus últimos dias
[de rei.
logo nem rei, nem galo, apenas galinhada tornado,
com molho e arroz e olhos salivando de desejo.
tudo tem seu ciclo, seu tempo, seu canto de galo.
no terreiro o novo rei, melhor de briga,
caminhava altivo, cabeça erguida e ornada de crista
[vermelha,
como coroa natural dada por Deus.

dos que não eram galos, mas gente,
cabia viver de ser, descer na vida logo cedo,
na hora do ainda sem sol.

na indecisão do nem dia nem noite,
manhã surgia como olho se abrindo em fresta
e que se expande no contrário do tamanho do sono.

a luz vinha beliscando o escuro,
subindo pelas beiradas do horizonte
como leite esquecido que ferve no fogo.

a brisa matinal cheirava a café e promessa de suor
parido no duro da lida dos dias.
ovo e toucinho iluminando a fome e excitando o corpo.

nos raros rádios de pilha, se distingue alguma fala,
no entremeio de chiados e estáticas.
notícias de longe se aproximam dos ouvidos
[desinteressados,
que esperam a música, aquela sobre o menino que
[vendia rosas.
sol posto a descoberto, finalmente revelando carreiros
[e estradas
e eitos e picadas e ruas, poucas,
por onde escorriam corpos em movimento de marcha.
cada qual arrastando pelo seu dia,
o doce sabor da sua cruz.

trocas de bons dias, cortesias com chapéu,
rostos conhecidos sorrindo cumprimentos.
a vida seguia seu protocolo, seus ritos e manias,
suas mãos postas, seus sinais da cruz.

durezas

sólida é a vila, e suave
como um balé de outonais folhas de zinco
carregadas pelo vento,
como se brisa bruta
balançando um móbile de pedra.

pedras e mourões e pinheiros sólidos
e ferro duro e braços e almas,
tudo dotado de rígida resistência
e mole beleza
como brisa talhada no duro da rocha.

no ferro do fogão, na fibra da lenha,
o fogo molda no alimento, a matéria-prima do corpo.
na dureza da enxada, mãos que se calcificam, rezam
[no etéreo da fé
contra a dureza da sina.

ideário

nossas ideias eram curtas como coice de porco.
eram pensamentos estendidos sobre a extensão da
[aldeia,
como cobertor menor
sobre corpo maior.

tecidas eras, nossas ideologias,
com os finos fios de nosso tempo e espaço,
com o linho de nossas subjetividades,
com o algodão de nossos preconceitos,
de tudo isso era feita essa nossa pele
de ideias, que era roupa cortada sob medida
para vestir o dentro do corpo.

nossas ideias eram um emaranhado confuso
de simplicidades e reduções,
de conhecimentos e desconhecimentos
daquele mundo que só nós sabíamos haver,
porque ele nos pertencia e dele éramos parte.

nosso mundo era nossa língua, nossos atos, nossas coisas
dispostas em manias e maneiras e modos.
nossa terra era nosso jeito,
nossa forma e conteúdo.
era de barro e capim, o nosso molde e espelho.

nossas ideias eram tecidas
no sótão de nossas cabeças,
como finas e delicadas teias
onde nos fazíamos aranhas e moscas.

havia a certeza da reza e do sol depois da geada.
e a certeza da morte certa, no veneno da manga com leite
ou do vinho com melancia virando pedra no bucho.
e havia a certeza da fragilidade da mãe,
que um simples chinelo virado já era capaz de matar.

estações

geadas manhãs de gelo e vapor, hálito de neve, sem
[que neve houvesse.
campos florindo, árvores, vida, vidas, cores se
[derramando pela aldeia.
o marrom das folhas agonizantes, pendidas dos galhos
[secos
que se assemelhavam a extremidades de corpos
[inválidos.
folhas como corpos condenados à força,
flutuando com a leveza triste do balé dos suicidas.

verão queimando olhos ardidos de suor e sol.
calor como abraço morno,
vento mormaço, tardes derretidas de preguiça e lentidão.

assim era tudo, eu, o mundo e a aldeia, corpos sazonais
aprendendo pelos sentidos, afinados pelo diapasão do
[mundo,
que antes era maior que tudo, maior que nós,
que nossos desejos e anseios.
instrumentos, éramos, naquela orquestra sem música.

nossa calamidade

um dia choveu granizo, grande como maior
do que deveria ter sido.
telhados, como se vidro fossem, partiram
como se vida tivessem.
morreram telhas e forros e árvores
e um cavalo guardado a descoberto,
sob
os golpes
da divina artilharia.

no altar, Deus salvou, por milagre,
a estátua de um santo de segundo escalão.

romarias e rezas fizemos
em reconhecimento à misericórdia divina
de não nos haver matado.
na praça, rezamos, de mãos dadas,
as rezas que faríamos na igreja,
se as pedras não houvessem roubado do prédio
a sua condição de uso.

as pedras, gelo que eram, depois de aguadas, se
[fizeram vapor.
subiram aos céus deixando-nos lenda, histórias nas
[bocas dos velhos
que contavam do dia das pedras
que caíram com tamanho de maçãs e sapatos,
daqueles grandes, de bico largo.

com o passar dos dias
as pedras cresceram enquanto ideia,
para serem do tamanho do além
da dimensão do real que ocuparam.

pó

a pele dos meus é de cor de cuia
e barro atracado nas unhas e rachaduras dos pés.
a gola da camisa traz pó e suor,
como sudário sem milagre nem glória ou glamour.
é pó de eito, de chinelos espezinhando carreiros
[enquanto
carrega no ombro a enxada presa na ponta da cruz.

o caipira masca o mato, como boi ruminasse o dia.
um cigarro de palha defuma as horas
enquanto espanta mosquito e besteira,
que a cabeça teima em criar
enquanto escorre, viscosa, a lentidão do dia.

sínas

de formigas éramos um tanto,
perfilados corpos nos carreiros das roças,
nas calçadas estreitas do centro,
no parido e morrido da aldeia.

de abelhas éramos um tanto,
com funções desenhadas
nas linhas impedidas do destino
e abreviadas existências
de labuta e luta e fim.

de aranhas éramos um tanto, de tecer o duro trabalho
que outras mãos, ou chuva, ou vento, ou tudo,
desfaziam, como fosse nada, o que era tudo de nós.
de gente éramos menos do que a terra prometida
que se cantava nos hinos e do que nos discursos se ouvia
no rádio atacado de bronquite ou nos palanques
[improvisados
onde bocas metralhadoras cuspiam promessas bonitas
que jamais teríamos em mãos
porque beleza é substantivo abstrato
como eram abstratos os fantasmas
que moravam nas bocas dos velhos da aldeia.

impressões

lentidão desapressada
vidas
como
goteiras
soantes pingos sobre a bacia das almas
como inocência de anjos gotejando
pelas trincas do telhado celeste
cujo azul jamais fora, nem será, tão azul quanto aquele.

caipiras, caiporas, capivaras, árvores, varais,
casas, tocas, tocos, ninhos.
todas coisas partes, cacos de mosaico
peças partidas de um todo
desenhando o mundo ao redor
como fina marchetaria sutil
incrustada na superfície difusa do mundo.

relevo carregado indelével
sob peles e pelos.
mapa que trago tatuado na carne
com a anatômica geografia
das minhas partes que fui juntando e perdendo
enquanto tropicava
nos dias sem eira nem beira.

animalidades

passarinhos avarandados cantando
grades e gaiolas,
não por gosto, mas por costume.

animais de uso e de amor,
de alimentarem corpos e corações
com calor de alma ou panela.

na rua, em corpos máquinas,
bruta força equina arrastava o mundo
com a potência bem medida de 1 Hp por animal.

desassossego de cães vadios massageando pulgas
com a ineficaz ligeireza das pontas das patas.

gato preguiçoso deitado sobre o saco de feijão
como se em torre estivesse, na vigia do armazém,
encastelado e sempre alerta
aos passos suaves de um possível rato gatuno.

o rato, este dormia sono diurno,
sono agitado, suarento, penoso, difícil,
de tão gordo que estava.

o boi

ainda no escondido dos olhos, na curva vinha
desafinado violoncelo gemendo tediosa melodia.
roda rodando na redundância da vida.
carro de boi vinha trazendo bovina paciência
grudada nos olhos grandes de animal meditativo.
passos lentos, como a lentidão de sombra correndo o dia
pelo chão do terreiro.

muitas léguas pela frente, muito barro de espezinhar.
lenha para fogão, guarda-roupa, milho, cabia de tudo na
força do bicho, queraé mais força que vontade e
mais ato que sonho.

sólida tora com pernas
tanque de guerra armado
com canhões de chifres
trem de carne correndo
nos trilhos do chicote.

o prédio mais alto da aleia

arranha-céu havia, ou haveria, se céu fosse mais baixo.
quatro andares velhos, de velha madeira
de antiga tinta ausente: moinho.

carroças iam e vinham, carregadas pelas marés,
ao sabor das ondas temporais
das colheitas.

farinha destemperada no suor bruto
de colonos calosos e curtidos de sol.

milhos e dias, ali se moíam,
na roda sem fim
que circulava
como se disposta a moer o mundo.

pois um dia, de tanto moer,
o moinho
moeu-se.

a praça

havia uma praça na minha aldeia, a única,
que tinha nome de governador morto, mas não tinha,
porque era conhecida apenas como a praça da matriz,
onde a igreja se impunha soberana, porque única.

para a sua solidão de alvenaria, traçaram coreto pequeno,
quase nunca usado, exceto quando banda tocava, que
[era nunca.

ali, casais namoravam nos bancos e, quando tudo dava
[certo,
ou errado, casavam.
vestido branco de anunciar pureza,
havendo pureza ou não,
tudo com direito a fogos de assustar cachorros
e choros de tias velhas.

na praça da minha aldeia tinha a igreja,
posta onde ficou o ponto da ponta de metal do compasso.
dela irradiavam coisas outras, os elementos
[necessários para
que existisse o corpo sólido da aldeia.

barbearia, posto médico, delegacia, tudo ficava ali,
se espalhando como ondas concêntricas.
de diferente disso, só o puteiro, que esse fica longe, quase
caindo
do
mapa.

o padre e as beatas quiseram proibir,
mas é preciso puteiro para as putarias,
assim se preservavam as filhas, pensavam.

o ferreiro

Hefesto acaipirado malhava no suor, o ferro
que retinia na onda vermelha de um sol artificial.
ferro contra ferro, como irmão contra irmão.
sopro do fole no microinferno e mergulho
chiando no choque do frio repentino da água fresca.

o ferreiro moldava na sua estrela anã, no seu vulcão de
[bolso,
as coisas do dia a dia:
ferradura para cavalo e soleira de porta,
instrumento rústico de trabalhar o campo
e ferrolho contra ladrão que não tinha.

na dureza da vontade, moldava, no ferro, o pensamento.
na bigorna percutia o tempo do golpe
como maestro regendo um compasso de espera.
o ferreiro era senhor das limalhas de ferro,
das fagulhas, das dobras e amassos.

ferreiro bom era duro, tanto mais duro que o ferro,
de modo a poder moldá-lo sem dobrar-se,
enquanto no berço da bigorna, paria fagulhas
como um deus macetando estrelas.

a lavadeira

a velha lavava roupa enquanto aspergia água e fofoca.
borrifava som apalavrado como quem abençoa
a pureza do branco das roupas
enquanto maldiz a sina da vida.

a velha ria sem dentes, como se tivesse todos,
mais que todos,
ria a velha com todos os dentes do mundo.

na beira do rio o sacrifício se dava
em forma de joelhos sobre a pedra
e o cordeiro da verdade sacrificado em nome do
aprazível dizer da vida alheia.
não que dissesse maledicência por mal, a velha
apenas era preciso passar o tempo de algum modo.

no fim do dia tudo limpo,
ia embora a velha,
com roupa e alma lavadas.

a benzedeira

a benzedeira, entre rezas, costurava
rasgaduras internas, fosse isso o que fosse.
velha de haver visto nascerem todos dali,
sabia chás e plantas e segredos do outro mundo.
contava de fantasmas e coisas do além,
mentia, claro, mas, por vias das dúvidas, melhor evitar
certos lugares, de noite.

ajudava na hora do parto e da morte.
nas boas-vindas e adeuses, lá estava ela, atando as duas
pontas da vida.

um dia a velha morreu como se fosse hora, e era.
parecia sorrir, diziam, e sorria.
o vereador lhe dera dentadura maior que o preciso da
[boca.

com ela, morreu um pouco do lugar.
tinha filha que ficou em seu posto, que esse negócio
se passava de mãe para filha, mas já não era a mesma
[coisa.
demora até a gente garrar confiança.

a virgem

a moça disse ver Jesus no pé de manga.
descrevia certinho, halo de luz e anjo trombeteiro
voando no céu com traseiro de fora,
que anjo pode dessas coisas porque é menino ainda,
e para sempre o há de ser, amém.

as velhas deram para rezar no quintal da virgem,
que não é sempre que se tinha milagre por lá.

tempos depois a materialidade da coisa se fez,
na forma de barriga crescendo.
grávida estava, de certo.
dúvida era de quem.

“espírito santo”, afirmava.
ninguém acredita, que lá ninguém era besta.
e menos besta ainda era o Tobias, filho do Jerônimo,
que pegou suas tralhas e se jogou no mundo, sem
[nem avisar que ia.

os loucos

na aldeia havia loucos, daqueles de estimação
que a todos pertencem e que os comércios adotam.
pessoas quase coisas, algo entre gente e bicho,
corpos estranhos que circulavam calçadas
como vadios cães desvairados.

alguns simplesmente apareciam,
como que por encantamento.
outros nós mesmos criávamos,
desde pequenos filhotes.

alguns deles eram lendas,
que nossos boatos mitificavam.
outros eram loucos de pedra,
como se estátuas de enfeite,
mas dotadas de alguns espasmos.

um deles, cujo nome se perdeu no tempo,
de pernas tortas, moídas em acidente,
manquitolava em delírio
enquanto dizia o indizível

sobre a mulher do prefeito.
era ele o desespero dos grandes
e a catarse dos fracos.

dos loucos todos,
os que morriam eram punhado,
e, quando mortos, enchiam capela.
o resto, a maior parte,
apenas sumia como que por encanto.
num passe de mágica, eram zerados do mundo,
sem deixar notícia e rastro.

rei morto, rei posto.
aberta a vaga de louco,
logo alguém a tomava,
mas sempre por mérito.

era um rodízio de insanos
que pareciam um só,
como se um, o louco primeiro,
apenas se ausentasse
para breve troca de rosto
e logo voltasse ao seu trono.

políticos

ah, isso havia, e muitos.
praga é assim que faz, se multiplica por todos os cantos,
por isso havia esses ratos de fala bonita e bons dentes,
entocados em seus ninhos federais, estaduais e
{municipais.

roubar não roubavam,
apenas apanhavam punhados do que era deles por
[direito,
já que se diziam nossos pais, embora se fizessem
[nossos donos.

vinha um e oferecia emprego,
outro dizia ponte,
mais um ofertava escola,
mas no fim, nada de emprego, nem ponte, nem escola.
no fundo, sabíamos que jamais viriam, mas, mesmo
[assim,
acreditávamos, porque a fé é mania teimosa.
de tempos em tempos emergiam das profundezas,
como se descessem do céu.
vinham trazendo novos tempos,
que realmente vinham,

mas o que acontecia, no durante deles,
era o já batido e cansado mais do mesmo.

novos tempos como um novo dia
de acordar para o trabalho de sempre
porque promessa não enche barriga.

revolta, às vezes, dava,
mas como lutar contra sorrisos largos e dentes bonitos?
nossas bocas envergonhadas se calavam em sinal
[respeito,
porque boa dentição tinha em nós valor de autoridade.

o circo

às vezes vinha circo, vagabundo, lona barata e
de cores berrantes e palhaços meio demônios,
para o horror das crianças.

se fosse dos mais ricos, dentre os pobres,
havia leão, não mais que um,
e sempre magro de ser da espessura
da fome que lhe havia no corpo.

no trapézio voava bela moça, quase nua,
nudez, entenda-se, contextualizada pelo tempo e lugar.
fosse hoje, nem suspiros causava
e nem suscitava paixões.

no picadeiro uma dupla caipira fazia rádio ao vivo,
quando rádio era luxo de haver só em casa de rico.
cantavam saudade do matão,
que não causava muito efeito, por haver matão
em qualquer lugar que se olhasse.

os circos vinham e iam, como num passe de mágica
melhor que a mágica dos mágicos que traziam.
vez por outra levavam consigo um da aldeia,
que fugir com o circo era sonho de muitos jovens dali.

depois que o circo partia,
dele ficava em nós
apenas a memória do que vimos,
que sempre era melhor no lembrado
do que no visto de fato.

viola

tinha no corpo cintura de moça,
modelada em sólido espartilho de madeira.
boca não tinha, para cantar,
por isso cantava sem palavra,
pelo buracão do umbigo.

dançar, a viola-moça não dançava,
mas outros dançavam por ela,
balançados no ritmo que a mão ousada
do violeiro abusado
tangia nos seus dez fios de cabelo.

tinha lá, como toda moça tem,
suas qualidades e defeitos.
de bom:
mexia no dentro da gente, dando cócega e lágrima.
de ruim:
nunca pegava afinação.
mas isso é coisa que acontece
com todo mundo, seja de carne ou madeira.

luz

o primeiro poste veio, trazendo o sol da hora escura.
um único e solitário poste estirado na praça central.
em pé, rude como mourão de pedra, concreto como o
[que se toca,
lá estava ele: estaca, estático, totem.

íamos lá, nós e as mariposas,
e lá ficávamos circulando a sua lâmpada-sol.
as mariposas não sei o que pensavam dele,
mas nós, gente-mariposa,
movidos pela curiosidade de bicho,
víamos a luz como se fosse Cristo, nosso senhor,
cordeiro de Deus e luz do mundo.

depois veio costume e o poste virou poste e só.
mas, nos primeiros dias, dava até vontade de tirar o
[chapéu e rezar.

tudo que é sólido se desmancha

morreu minha aldeia, assim: eletrocutada.
o poste procriou outros postes,
porque tecnologia é bicho que faz ninho e prole.

logo veio tomada, e na tomada ligou-se a máquina
e no redor da máquina cresceu a primeira fábrica
como se fosse verruga brotando no rosto de moça bonita.

com tanta luz, fugiram assombração, boitatá e saci.
grilo morreu na fuligem, o mesmo com aves e cobras.
tudo se concretou sobre a carne feia do asfalto.

o boi do carro aposentou-se na sombra e água fresca
do açougue da grande rede varejista.
e eu, de algum modo, também estou lá,
pendurado nos ganchos dos crachás e dos uniformes.

as coisas morrem no concreto, viram memórias
que um dia são esquecidas.
restam estas páginas de poemas
que poderão ser lidas em algum ponto do futuro.
mas serão outros olhos, que lerão outras coisas,
diversas daquilo que escrevo.

no sem rumo

era, a aldeia, o umbigo do mundo, bússola,
pequena joia incrustada na circularidade da aliança de
[nossas vidas.
era centro do mundo, aquele ponto perdido no mapa,
era mira, rumo, sentido de nossos passos e mentes e
[corações.

era, a aldeia, nossa mãe e filha, molde e moldura,
era barro em nossas mãos e mãos em nossos corpos
[terrosos,
enquanto vasos sanguíneos floriam em nossas veias
[marrons,
como a cor do chão que nos mantinha em pé.

roída de dentro para fora, a aldeia fendeu-se
como terra que trinca por falta e excesso de vida.
ruiu nosso chão, nossas rústicas casas e almas e falas
[e sonhos e nós.
nos esfarelamos nos dias puídos
e moídos na areia fina
do sono que nos dormia.

tomada pela peste do progresso, essa mancha em marcha,
essa promessa manca de onírico vazio,
a aldeia inchou feito ferida, feito cadáver entumecido
cuja carne pulula de vida verminosa.

gente já nem éramos, moscas, larvas, qualquer coisa
sem nome e sem sustentação, ficamos.
estagnados, partimos sem arredar nossos corpos.
nômades postes, nos tornamos, vagando parados
pelos chãos que escapavam da pisada dos nossos pés.

havia estrelas, tantas e muitas, naquele céu de aldeia.
hoje, nem aldeia nem céu deixaram de haver,
mas já não se pode reconhecer suas formas, nem seus
[volumes.

linhas retas de monotonia, hoje se estendem
por onde antes havia singularidades verdes e cinzas,
curvadas nas formas das plantas e das pedras.

o relevo se foi, suprimido pela terraplanagem
da terra devastada.

saudade sentimos e nos tornamos
e a aldeia transmutou-se em membro fantasma
que às vezes dá uma fisgada
apenas para que o corpo não se esqueça da sua ausência.

idas e vindas

vila minha, vila eu, vila mim,
vila vida, terra do meu ciclo,
diário retorno eterno
até o fim.

nela nasci rei, coroando minha chegada
como plebeu vestindo úmidos andrajos
de placenta.

terra onde ficou meu umbigo,
meu primeiro de tantos enterros.
vila do meu primeiro grito,
que era de bicho,
por não haver em mim ainda
nem língua nem ideia humana.
foi nela que me fiz gente, mesmo que
no mais das vezes,
a contragosto.

gente indo e vindo
dando-se cria e morrendo.
bicho indo e vindo
dando-se cria e morrendo.
e tudo indo,
até a aldeia,
que num casulo de prosperidade,
um dia acordou borboleta desengraçada.

e aquele mundo que se mostrava parado,
se movia, no entanto,
enquanto o rio do fundo da minha casa
jamais me banhou duas vezes.



vencedor
na categoria
POESIA

